

# Casos Crônicos



# Casos Crônicos

Léa Cristina



São Paulo 2009

Copyright © 2009 by Editora Baraúna SE Ltda

Capa e Projeto Gráfico  
Alline Benitez

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

C869.5

Cristina, Lea

Casos Cronicos / Lea Cristina. - São Paulo : Baraúna, 2009.

ISBN 978-85-7923-071-4

1. Literatura Brasileira. 2. Contos. 3. Cronicas. I. Título.

11-5328.

CDU: 869.5

09.11.09 12.11.09

015367

---

Impresso no Brasil  
Printed in Brazil

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À EDITORA BARAÚNA  
[www.EditoraBarauna.com.br](http://www.EditoraBarauna.com.br)

Rua João Cachoeira, 632, cj.11  
CEP 04535-002 Itaim Bibi São Paulo SP  
Tel.: 11 3167.4261

[www.editorabarauna.com.br](http://www.editorabarauna.com.br)

Para Kaio Cruz e Vanessa Ramos.



# Sumário

---

Apresentação . . . . .	9
Falta de leitura . . . . .	13
Zé e a bicicleta . . . . .	17
O bar de Paulo . . . . .	21
O divórcio . . . . .	25
O poder milagroso do Milome . . . . .	29
A fossa e o fosso . . . . .	33
Depois do expediente . . . . .	35
As flores de Macela . . . . .	39
Cabeça de dinossauro . . . . .	41
Deus dá o frio conforme o cobertor . . . . .	43
Pernas, pra que te quero? . . . . .	45
O monstro . . . . .	49
Música para cada ocasião . . . . .	55
O menino que sentia medo . . . . .	57
A casa da fada . . . . .	59
O diálogo . . . . .	63
Questão de ponto de vista . . . . .	65
A geladeira . . . . .	67
O vazio . . . . .	69
No ponto de ônibus . . . . .	73

Sobre cães. . . . .	77
De médico e louco... . . . .	81
Na calada da noite . . . . .	85
A cura . . . . .	89
O piquenique. . . . .	93
Casos médicos . . . . .	97
Reticências . . . . .	99
O caso do gato . . . . .	103
Toc-toc. . . . .	107
Humor cultural . . . . .	111
Galos de briga . . . . .	117
O começo. . . . .	121

## Apresentação

---

No final do século XIX, em uma das regiões da Bahia mais castigadas pela seca, para os lados de Cafarnaum, viajava Zé Cláudio, em sua carroça coberta por uma lona, antes amarela, mas que com o tempo, como tudo que havia naquela região, adquirira a cor vermelha do barro. Era uma poeira que se desprendia da terra e impregnava tudo.

Dentro da carroça, havia dois enormes baús. Um carregava seus poucos pertences: algumas roupas, uma coberta de retalhos, um caderno de anotações, uma rede; o outro, estava repleto de garrafas com infusão de folhas de todos os tipos e para todas as finalidades. Tratava desde infecções de garganta, passando por complicações de sarampo, até casos de impotência sexual.

Sua mãe, uma cabocla, pegada a dente de cão – esta expressão refere-se ao costume indígena das índias, nos dias que antecedem ao parto, retirar-se para o mato, acompanhadas de um cão de caça que lambe o bebê assim que este nasce, fazendo-lhe a limpeza e levando-o à aldeia envolvido em tranças de cipó. Foi quem lhe ensinou todos os segredos das ervas e que ele usou como meio de ganhar a vida. Era conhecido e respeitado - ainda que tivesse apenas vinte e quatro anos - em toda essa região desassistida de médicos ou hospitais.

De um lugar distante chegou o chamado de um fazendeiro para que fosse acompanhar os três primeiros meses da gravidez da sua esposa que já sofrera dois abortos naturais, na tentativa de lhe dar um herdeiro.

Estava viajando já pelo segundo dia. Planejava chegar em torno do meio-dia. Ao seu lado estava Dubarro, ou Do Barro, nome dado ao cachorro vira-lata, de cor acastanhada, melhor dizendo, da cor do barro, que o acompanhava há oito anos.

Quando chegaram à cancela da fazenda, a sombra se projetava enquadrada sob o burro e a carroça. Doze horas em ponto.

Apresentou-se ao fazendeiro e descarregou seus baús em um rancho nos fundos da casa principal. Descansou o burro do peso da carroça, lavou-se em um riacho próximo e aceitou de bom grado sentar-se à mesa da cozinha da casa grande e saciar a fome com um cozido de carneiro com pirão quente.

Zé Cláudio era homem de fazer amizade facilmente. Tinha um bom papo e muitas histórias para contar das suas viagens. Estava, ao fim da tarde, sob o varandado da casa, enquanto observava o vaqueiro que prendia o gado no curral. Uma rês se afastou e tomou rumo diferente. Calmamente o vaqueiro terminou de prender o gado e saiu em busca da rês fugida. De longe, a vista de Zé Cláudio alcançou o laço do vaqueiro, que na primeira tentativa enlaçou a rês e a trouxe de volta.

Conversador, animado e já querendo fazer amizade com o pessoal da fazenda, Zé Cláudio se aproxima

mou do curral. O vaqueiro, de costas, prendia a cela no alto de um morão.

- Diga, vaqueiro bom de laço!

Nesse momento o vaqueiro virou-se, jogando o chapéu para trás e Zé Cláudio deparou-se com uma jovem, com não mais de vinte anos, cujas tranças enormes desciam sobre os ombros. Chamava-se Quelé e eles se casaram seis meses depois.

---

Eu sou bisneta de Zé Cláudio e Quelé. Quando eu sentava em frente ao computador para escrever, Zé Cláudio “encostava” e eu psicografava essas histórias, - mas apenas as divertidas e mentirosas - as outras, eu escrevia sem o “encosto”, pois era quando duvidava desse papo de espiritismo e ele se afastava, sob a aprovação muda de Quelé. Agora mesmo, estou psicografando.

A Autora

Conceição do Coité, Junho de 2009.



## Falta de leitura

---

Zetinha acordou naquele sábado com uma determinação: não sairia para fazer farra com as amigas. Aquele seria um dia dedicado à faxina da casa e ao tratamento do seu corpo.

Os telefonemas e as buzinas de carro começaram a acontecer em torno das onze horas, horário para o início das farras.

- Tá na hora, Zetinha. Vamos pro Magro – dizia uma.

- Não, hoje não vou. É dia de faxina – ela respondia.

- Dia de sábado é dia de farrear, mulher. Tu já trabalha a semana toda – dizia outra.

Porém, nada a demovia da ideia. Ficou em casa e começou a labuta. Meia hora de trabalho depois e resolveu que podia unir o útil ao agradável. Ligou o som e enquanto limpava e esfregava, ia tomando uma vodkzinha com laranja ao som de Eu e Deus no Sertão. Na cabeça, amarrou um saco plástico para que o hidratante capilar fosse agindo no calorzinho do impermeável.

Que felicidade! Tudo corria bem. Seu filho chegou para o almoço e ela apenas beliscou uns tira-gostos enquanto o servia. Bebericava sua vodka e acompanhava a música, que se repetia incontáveis vezes. Mais tarde o filho saiu e ela continuou o limpa-limpa.

Um dia das quatro da tarde, aproveitou e colocou um descolorante para agir sobre o buço. Repetiu a música. Percebeu que o cantor estava um pouco acelerado. Imaginem que ela estava no início do verso e ele já estava começando o verso seguinte. Não se importou, tudo era música!

O chão da cozinha estava mesmo imundo. Ficou quase quinze minutos esfregando a vassoura no mesmo lugar para conseguir o esperado.

A casa estava tão feliz com o novo brilho, que parecia dançar ao som do CD player.

Para comemorar, Zetinha tomava mais uma. Até que lá pras cinco e meia da tarde, resolveu que era hora de tomar um banho, lavar a cabeça e tirar aquela pasta branca do bigode.

Começou a procurar seu chinelo de borracha e nada de encontrar. Resolveu dar uma olhada embaixo da cama. Abaixou-se e sentiu o frescor daquele chão limpinho refrescar seu corpo daquele calorzão de novembro. Esticou o corpo e magicamente o tapetinho ao lado da cama colocou-se generosamente sob a sua cabeça, proporcionando um conforto imenso àquele corpo cansado de tanta faxina. Resolveu usufruir só mais um pouquinho daquele prazer.

Acordou com os gritos do filho e das amigas que resolveram tomar a saideira ali na casinha limpa da amiga. Todos lhe fitando e ela ali dormindo no chão, com a cabeça quase embaixo da cama, com o bigode branco e um

saco plástico na cabeça. As amigas riam e perguntavam por que ela estava dormindo ali. E o pior: uma amnésia etílica impedia-a de compreender por que viera parar ali, naquela posição estúpida.

Só eu, este narrador onisciente, sei como tudo isso aconteceu e por isso conto agora. Infelizmente, Zetinha não é chegada à leitura e, por isso, a não ser que uma amiga lhe conte sobre isso que leu, ela nunca saberá toda a verdade.